

CONTEXTUALIZANDO O USO DE CRACK E PROBLEMATIZANDO O DISCURSO HEGEMÔNICO

Armida Portela D' Albuquerque Lima

Graduada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA.

Especialista em Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química

pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA.

Mestranda em Psicologia Clínica pela UNICAP de Pernambuco.

As drogas sempre existiram na sociedade, o crack surge inicialmente na década de oitenta nos guetos dos Estados Unidos, como uma nova forma de consumir o cloridrato de cocaína, criado pelo tráfico devido ao impedimento em continuar com o comércio de cocaína, no contexto de uma política proibicionista. No Brasil, os primeiros relatos sobre o uso de crack surgiram na década de 1990, circunscritos nas cidades do Sul e do Sudeste, em uma escassez intencional de outras drogas e aumento da oferta do crack. O crack surge marcado por uma cultura consumista, imediatista, caracterizando muitas vezes o seu modo de uso. Os seus efeitos são atravessados pelo contexto da contemporaneidade brasileira.

A produção do crack ocorre com pequenas quantidades de cloridrato de cocaína em bicarbonato de sódio ou amoníaco em água, existindo baixo custo financeiro na sua produção, o composto gerado pode ser fumado ou inalado. O nome da droga vem do barulho que as pedras fazem ao ser queimadas durante o uso, que acontece quando o usuário inala a fumaça, que é formada em latas de alumínio, tubos de PVC, cachimbos, entre outros. A fumaça atinge o pulmão e a corrente sanguínea, chegando até a ação no cérebro. Em cerca de cinco a oito segundos os seus efeitos chegam ao cérebro e eles duram de cinco a dez minutos. As drogas podem ser classificadas em estimulantes, depressoras e perturbadoras. O crack encontra-se dentre as estimulantes, que aumentam a velocidade de informação dos neurotransmissores.

Torna-se relevante a atenção à multidimensionalidade existente no fenômeno do uso do crack. Diversas políticas públicas vêm se direcionando para o uso do crack, tentando compreender a complexidade que envolve o uso, e a integralidade do usuário em seu contexto. Entre essas se encontra a redução de danos, uma alternativa da saúde pública aos modelos moralistas, que aceita alternativas redutoras de danos,

compreendendo a abstinência como o ideal, mas com a aceitação de que o ideal não é o real que se apresenta.

Existe um discurso demonizador sobre as drogas ilícitas, responsável pela estigmatização dos usuários e associação, quase naturalizada, entre drogas e marginalidade. Os meios de comunicação em massa reproduzem opiniões reducionistas e dominantes sobre o crack, com respostas definidas, aumentando o estigma e o preconceito que marcam seus significados, associando o uso a diversos problemas sociais.

Através de revisão bibliográfica, essa pesquisa teve como objetivo refletir sobre o discurso hegemônico relacionado ao uso do crack e possíveis reducionismos de sua complexidade e multiplicidade. Através da pesquisa percebemos que os efeitos das drogas não dependem apenas da substância consumida, mas também das experiências do usuário e suas relações com o contexto social no qual está inserido, pois eles estão em uma inter-relação interdependente. Além disso, o fenômeno do uso de crack é multicausal, existem fatores sociais, econômicos, antropológicos, emocionais e orgânicos envolvidos.

Palavras chave: uso, crack, discurso